

---

**AUTORES:**

Manuel Paquete <sup>1</sup>

Cláudia Dias <sup>1</sup>

Nuno Corte-Real <sup>1</sup>

António Manuel Fonseca <sup>1</sup>

<sup>1</sup> CIFI<sup>2</sup>D, Faculdade de Desporto  
Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.12.02.82>

---

**Liderança no desporto**

**adaptado:** Um estudo  
com atletas de *Boccia* e de  
Basquetebol em cadeira de  
rodas.

**PALAVRAS CHAVE:**

Estilos de liderança. Eficácia do treino.  
Desporto adaptado.

---

**RESUMO**

O objectivo da presente investigação foi analisar as percepções de atletas de *boccia* e basquetebol em cadeira de rodas relativamente aos estilos de liderança e eficácia de um treinador de sucesso e do melhor treinador com quem tinham trabalhado. Os dados foram analisados em função da modalidade, do tipo de deficiência e do nível competitivo. Participaram nesta investigação 81 atletas do sexo masculino com idades entre os 17 e os 55 anos ( $30.2 \pm 1.01$ ), que preencheram as versões portuguesas da *Leadership Scale for Sport* e da *Coaching Efficacy Scale*. Os resultados mostraram que, de uma forma geral, os atletas de *boccia* caracterizavam o treinador de sucesso com valores mais elevados nos diferentes domínios de liderança e de eficácia do treino do que o melhor treinador com quem já tinham trabalhado. No basquetebol em cadeira de rodas parecia existir uma maior convergência das percepções relativas ao treinador de sucesso e ao melhor treinador. O tipo de deficiência, e, embora menos, o nível competitivo, também pareciam estar relacionados com as percepções que os atletas tinham dos estilos de liderança e da eficácia dos treinadores.

Leadership in adapted sport:  
A study with Boccia  
and wheelchair Basketball athletes.

**ABSTRACT**

The purpose of this investigation was to analyze the perceptions of boccia and wheelchair basketball athletes in relation to the leadership styles and coaching effectiveness of a successful coach and of the best coach with whom they had worked. The data were analyzed in terms of sport, type of disability, and competitive level. Eighty-one male athletes between 17 and 55 years old ( $30.2 \pm 1.1$ ) completed the Portuguese versions of the Leadership Scale for Sport and the Coaching Efficacy Scale. The results showed that, in general, boccia athletes characterized a successful coach with higher values than the best trainer with whom they had worked in the various leadership and training effectiveness dimensions. Wheelchair basketball players' perceptions regarding a successful coach and the best coach seemed to be more convergent. Additionally the type of disability, and, although less, the competitive level, also seemed to be related to the athletes' perceptions of the leadership styles and training effectiveness.

**KEY WORDS:**

Leadership styles. Coaching efficacy. Adapted sport.

## INTRODUÇÃO

Embora numerosas aceções de liderança tenham sido sugeridas por variados autores, a definição de Barrow, datada de 1977 <sup>(1)</sup>, é aquela que tem gerado maior aceitação entre os teóricos e investigadores da psicologia do desporto. Este investigador apresenta uma definição que abrange muitas variáveis da liderança, sustentando que esta é um processo comportamental de influência de indivíduos e grupos, tendo em vista determinados objectivos <sup>(10, 17)</sup>. No contexto desportivo engloba, por exemplo, o processo de tomada de decisão, técnicas motivacionais, *feedback*, relações interpessoais ou a confiança para dirigir uma equipa.

Apesar de existirem numerosas perspectivas teóricas ao estudo da liderança no desporto, o modelo multidimensional de liderança no desporto, proposto por Chelladurai e Carron <sup>(7)</sup>, constitui uma das abordagens mais populares e que mais investigação tem gerado neste domínio. Até ao surgimento deste modelo, a maioria dos estudos baseou-se na personalidade do treinador ou no seu estilo de decisão. Nenhum havia examinado os estilos de liderança que seriam mais apropriados nos diferentes contextos desportivos <sup>(11)</sup>. Chelladurai <sup>(8)</sup> propôs então que o comportamento do treinador se devia adaptar aos membros da equipa, bem como às diferentes situações do desporto em que o atleta está inserido. Para testar o seu modelo, Chelladurai e Saleh <sup>(6, 8)</sup> desenvolveram a *Leadership Scale for Sport* (LSS), que avalia cinco dimensões do comportamento do líder. Três são referentes a estilos de interacção (treino e instrução, apoio social e *feedback* positivo) e duas são referentes a estilos de tomada de decisão (comportamento autocrático e comportamento democrático) <sup>(8, 19, 20)</sup>.

Num dos primeiros estudos realizados por Chelladurai <sup>(4)</sup> com a LSS, envolvendo vários desportos, o investigador concluiu que quanto maior era a percepção de treino e instrução, comportamento democrático, apoio social e *feedback* positivo, maior era a satisfação dos atletas para com o treinador <sup>(4, 28)</sup>. Adicionalmente, investigações sobre as diferenças nos estilos de liderança em desportos colectivos e individuais mostraram que os atletas de modalidades colectivas pareciam preferir comportamentos autocráticos <sup>(30)</sup>, treino e instrução e *feedback* positivo <sup>(4)</sup>, enquanto em modalidades individuais preferiam que o treinador apresentasse um comportamento mais democrático e voltado para o apoio social <sup>(34)</sup>. Existem ainda evidências de que, à medida que vão ficando mais velhos e desportivamente mais experientes, os atletas preferem comportamentos mais autocráticos e têm uma necessidade maior de apoio social, enquanto a necessidade de *feedback* positivo tem tendência a diminuir <sup>(7, 29)</sup>.

Paralelamente à investigação dos estilos de liderança, vários investigadores <sup>(e.g., 12)</sup> desenvolveram investigações sobre a eficácia do treino desportivo. Especificamente, o interesse por este construto principiou quando Feltz, Chase, Moritz e Sullivan <sup>(12)</sup> repararam que enquanto muito trabalho havia já sido desenvolvido para perceber os diferentes estilos de liderança existentes no desporto, pouca atenção tinha sido dada à forma como o

treinador desenvolvia a confiança em si próprio e nas suas competências de liderança. A eficácia do treino foi definida como a capacidade que os treinadores acreditam ter para influenciarem o ensino e a *performance* dos seus atletas <sup>(12, 22)</sup>. *Performance*, nesta definição, inclui, além da própria realização da tarefa, as competências psicológicas, de atitude e de trabalho de equipa dos atletas.

Em 1999, Feltz, Chase, Moritz e Sullivan <sup>(12)</sup> propuseram o modelo de eficácia do treino. Este modelo definia, para além de quatro dimensões de eficácia do treino (estratégia de jogo, motivação, ensino da técnica e construção de carácter), as fontes de informação que podem modelar essa eficácia (experiência e preparação do treinador, sucessos anteriores, percepção do talento dos atletas e apoio da escola e da comunidade) e também variáveis que advinham da eficácia do treino (i.e., resultados da eficácia do treino; e.g., comportamento no treino, satisfação, *performance* e eficácia do jogador e da equipa) <sup>(12, 25, 35)</sup>.

Diversos estudos comprovaram a relação entre as diferentes componentes deste modelo <sup>(e.g., 12, 13, 14, 25)</sup>, bem como a relação entre as dimensões centrais e distintas variáveis pessoais e contextuais <sup>(e.g., 13, 25)</sup>. Feltz, Hepler, Roman e Paiement <sup>(13)</sup> e Myers, Wolfe e Feltz <sup>(25)</sup>, por exemplo, demonstraram que a motivação e a construção de carácter se tornavam mais salientes à medida que o treinador se tornava mais experiente e treinava em níveis competitivos mais elevados. Na mesma linha, Feltz, Short e Sullivan <sup>(14)</sup> concluíram que a relação entre anos de treino (experiência do treinador) e a estratégia e a motivação acontecia em níveis competitivos mais elevados, onde os atletas também eram mais velhos.

Porém, não obstante numerosas investigações dos estilos de liderança no desporto dito normal se tenham debruçado sobre os comportamentos percebidos e/ ou preferidos pelos atletas, e/ ou a percepção do treinador relativamente aos seus próprios comportamentos <sup>(e.g., 17)</sup>, no respeitante à eficácia, a maior parte dos estudos publicados centrou-se unicamente nas autopercepções dos treinadores, existindo poucos que contemplem as percepções dos atletas <sup>(e.g., 32)</sup>. Este aspecto é tanto mais relevante se se considerar que as percepções dos atletas e treinadores neste domínio nem sempre são coincidentes e que há evidências de que a percepção que os atletas têm da eficácia do treinador se constitui como uma variável mediadora da relação entre os comportamentos do treinador e os níveis de motivação, *performance*, comportamentos, crenças e atitudes dos atletas <sup>(20)</sup>. Especificamente, os atletas que avaliam os seus treinadores como possuindo elevados níveis de eficácia parecem estar mais satisfeitos com eles, o que potencia melhores *performances* e maiores níveis de confiança e de motivação <sup>(2)</sup>.

Por outro lado, embora actualmente existam evidências claras da importância do estudo dos estilos de liderança e da eficácia do treino no desporto dito normal, no que se refere ao desporto adaptado ainda estamos no início <sup>(24)</sup>, podendo a investigação a este nível ser considerada escassa e pouco sistemática. Em última análise, esta é uma lacuna que se poderá reflectir negativamente no desenvolvimento e implementação de intervenções

práticas neste domínio. Por outro lado, algumas (poucas) investigações sugerem que, de facto, diferentes factores e processos psicológicos poderão condicionar as percepções dos atletas de desporto adaptado. Existem evidências, por exemplo, de diferenças em diversas variáveis psicológicas entre atletas deficientes de modalidades colectivas e individuais<sup>(34)</sup>, com diferentes tipos de deficiência<sup>(3, 26, 31)</sup>, ou de diferentes níveis competitivos (e, consequentemente, com distintos níveis de experiência desportiva)<sup>(21)</sup>.

As modalidades desportivas escolhidas para efectuar esta investigação foram o *boccia* e o basquetebol em cadeira de rodas. O basquetebol porque tem sido das modalidades de desporto adaptado mais estudadas (e.g. 12, 24), possuindo um número de atletas razoável e encontrando-se muito bem organizada do ponto de vista competitivo. O *boccia* por ser um desporto que também se encontra bem organizado do ponto de vista competitivo (sendo uma das modalidades com maior reconhecimento nos Jogos Paralímpicos), apresentando, no entanto, algumas diferenças relativamente ao basquetebol. Essas diferenças passam pelo tipo de deficiência, pelo facto de ser uma modalidade mais individual e também por, normalmente, os seus praticantes possuírem uma deficiência congénita; já os atletas de basquetebol possuem, regra geral, uma deficiência adquirida.

Decorrendo do exposto anteriormente, a presente investigação procurou analisar as percepções de atletas do *boccia* e de basquetebol em cadeira de rodas relativamente aos estilos de liderança e à eficácia do treinador. Com o objectivo de contornar alguma relutância que os atletas pudessem sentir em avaliarem aquele que era, no momento, o seu treinador actual, analisaram-se as suas percepções dos estilos de liderança e dos factores de eficácia (preferidos) para um treinador ter sucesso, bem como as percepções (actuais) relativas ao melhor treinador com quem já tinham trabalhado. Importa ressaltar que, de uma forma geral, o melhor treinador com quem os atletas já tinham trabalhado era o actual. Os resultados foram analisados em função da modalidade, do tipo de deficiência e do nível competitivo.

## **METODOLOGIA**

### **PARTICIPANTES**

Participaram nesta investigação 81 atletas, todos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e os 55 anos ( $M = 30.2 \pm 1.01$ ). Do total de atletas, 38 (48.1%) praticavam *boccia* e 41 (51.9%) praticavam basquetebol em cadeira de rodas. Adicionalmente, 43 (53.8%) indivíduos apresentavam uma deficiência congénita e 37 (46.2%) uma deficiência adquirida. Relativamente ao nível competitivo, 16 atletas (22.2%) não apresentavam classificação neste aspecto, em virtude de praticarem a respectiva modalidade por recreação, participando pontualmente em competições regionais. Dos restantes, 50 (73%) participavam unicamente em competições nacionais, enquanto 17 (27%) atletas eram internacionais.

Para avaliar a percepção dos atletas relativamente aos comportamentos do treinador foi utilizada a Escala de Liderança no Desporto (ELD), uma versão traduzida e adaptada por Cruz e Chelladurai <sup>(9)</sup> da *Leadership Scale for Sport* (LSS), desenvolvida originalmente por Chelladurai e Saleh <sup>(6)</sup>. A LSS é composta por 40 itens relativos a cinco dimensões do comportamento do líder: três são referentes a estilos de interacção – treino e instrução (13 itens), apoio social (8 itens) e *feedback* positivo (5 itens) – e duas avaliam estilos de tomada de decisão – comportamento autocrático (5 itens) e democrático (9 itens). As respostas a cada item eram dadas numa escala tipo Likert com cinco alternativas (1 = nunca a 5 = sempre). Diversos estudos demonstraram a validade da ELD, bem como a sua importância e utilidade para avaliar os comportamentos do líder <sup>(e.g., 11, 24)</sup>. Na sua versão original, a ELD apresenta três versões: uma destinada ao treinador visando aferir o seu próprio comportamento, e as outras para os atletas avaliarem os comportamentos preferidos e actuais dos treinadores. Todavia, na presente investigação foi aplicada uma versão que avaliava a percepção dos atletas sobre o que seria um treinador de sucesso e outra o melhor treinador com o qual os atletas tinham trabalhado até ao momento. Para tal, apenas se procedeu à alteração das instruções de preenchimento. A consistência interna da escala, analisada com recurso ao alfa de Cronbach, revelou que as subescalas apresentavam valores de fiabilidade entre .70 e .93, superiores ao ponto de corte de .70 proposto por Hill e Hill <sup>(14)</sup>.

Para investigar a percepção dos atletas relativamente à eficácia do treinador, recorremos à CESp <sup>(15)</sup>, que é a versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa da *Coaching Efficacy Scale* (CES), desenvolvida por Feltz, Chase, Moritz e Sullivan <sup>(12)</sup>. Alguns estudos demonstraram a validade deste instrumento, bem como a sua relevância para avaliar a eficácia do treino <sup>(e.g. 12, 23, 25)</sup>. A CESp compreende 24 itens, divididos por quatro factores de eficácia: motivação (7 itens), estratégia (7 itens), técnica (6 itens) e carácter (4 itens). As respostas são avaliadas numa escala tipo Likert de cinco pontos (1 = nada eficaz a 5 = muito eficaz). A consistência interna da escala, analisada com recurso ao alfa de Cronbach, revelou que as subescalas apresentavam valores de fiabilidade entre .82 e .93, superiores ao ponto de corte de .70 proposto por Hill e Hill <sup>(16)</sup>.

Os atletas foram ainda questionados quanto aos seus dados biográficos (e.g., idade) e percurso desportivo (e.g., nível competitivo).

## PROCEDIMENTOS

Após a explicação dos objectivos do estudo, garantia de anonimato e confidencialidade, e concordância dos atletas em colaborarem na investigação, os questionários foram enviados via correio ou entregues pessoalmente pelo primeiro autor desta investigação. De um total de 140 questionários distribuídos, foram devolvidos 81 (57.8%).

O tratamento dos dados foi realizado no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, versão 17.0). Na descrição dos dados foram usadas as estatísticas descritivas de frequência, percentagem, média e desvio-padrão. O teste de Shapiro-Wilk ou Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para testar a normalidade da amostra, em função do número de indivíduos em cada grupo. Para a comparação de médias dentro de cada modalidade (i.e., treinador de sucesso vs. melhor treinador) foi utilizado o teste não paramétrico de Wilcoxon. Para comparação das médias em função da modalidade (*boccia* vs. basquetebol em cadeira de rodas), tipo de deficiência (congénita vs. adquirida) e nível competitivo (nível internacional vs. nível nacional) foi utilizado o teste não paramétrico de Mann-Whitney. O nível de significância foi estabelecido em 5% <sup>(27)</sup>.

## RESULTADOS

Relativamente aos estilos de liderança, a comparação do treinador de sucesso e do melhor treinador revelou diferenças significativas na percepção dos atletas de *boccia* em todas as dimensões. Os atletas de *boccia* consideravam que o melhor treinador com o qual já tinham trabalhado exibia menos comportamentos democráticos, de treino e instrução e apoio social do que aqueles que um treinador de sucesso deveria ter, apresentando, porém, mais comportamentos autocráticos e *feedback* positivo. No basquetebol, o melhor treinador era visto como apresentando valores significativamente mais elevados de treino e instrução e apoio social, e mais baixos de *feedback* positivo do que um treinador de sucesso. No que se refere aos estilos de tomada de decisão (i.e., comportamento autocrático e democrático), não foram encontradas diferenças significativas, embora parecesse existir tendência para o treinador de sucesso ser visto como alguém que apresentaria mais comportamentos democráticos e menos autocráticos do que os que o melhor treinador com quem já tinham trabalhado exibia (Quadro 1).

QUADRO 1 — Comportamentos de liderança do treinador de sucesso e do melhor treinador no *boccia* e no basquetebol em cadeira de rodas.

COMPORTA- MENTOS	TREINADOR	BOCCIA				BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY	
treino e instrução	de sucesso	4.52	0.18	Z = -4.96; p < .01	3.51	0.88	Z = -2.39; p = .02	
	melhor de sempre	3.56	0.56		3.75	0.75		
comportamento democrático	de sucesso	3.81	0.58	Z = -5.01; p < .01	3.75	0.75	Z = -0.29; p = .78	
	melhor de sempre	3.20	0.55		3.28	0.67		

COMPORTA- MENTOS	TREINADOR	BOCCIA			BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
comportamento autocrático	de sucesso	2.63	0.78	Z = -4.34; p < .01	2.89	0.87	Z = -1.09; p = .28
	melhor de sempre	3.18	0.58		3.05	0.93	
apoio social	de sucesso	3.47	0.57	Z = -4.93; p < .01	3.12	0.64	Z = -2.24; p = .03
	melhor de sempre	3.07	0.67		3.34	0.74	
<i>feedback</i> positivo	de sucesso	3.89	0.49	Z = -5.27; p < .01	3.74	0.87	Z = -2.09; p = .04
	melhor de sempre	4.48	0.30		3.49	0.99	

A comparação da percepção dos atletas das duas modalidades relativamente aos estilos de liderança de um treinador de sucesso mostrou que, com exceção do comportamento autocrático, dimensão na qual as diferenças não eram significativas, os atletas de *boccia* valorizavam mais do que os de basquetebol todas as dimensões avaliadas. Quanto ao melhor treinador com quem já tinham trabalhado, não foram encontradas diferenças significativas. Todavia, parecia existir uma tendência para os atletas de basquetebol perceberem níveis mais elevados de treino e instrução, comportamento democrático e apoio social, e menos elevados de comportamento autocrático e *feedback* positivo (Quadro 2).

QUADRO 2 — Comportamentos de liderança em função da modalidade.

COMPORTA- MENTOS	MODALIDADE	TREINADOR DE SUCESSO			MELHOR TREINADOR		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
treino e instrução	basquetebol	3.51	0.88	Z = -5.57; p < .01	3.75	0.75	Z = -1.80; p = .07
	<i>boccia</i>	4.52	0.18		3.56	0.56	
comportamento democrático	basquetebol	3.28	0.67	Z = -3.47; p = .01	3.28	0.75	Z = -0.66; p = .51
	<i>boccia</i>	3.81	0.58		3.20	0.55	
comportamento autocrático	basquetebol	2.89	0.87	Z = -2.13; p = .03	3.05	0.93	Z = -0.74; p = .46
	<i>boccia</i>	2.63	0.78		3.18	0.58	
apoio social	basquetebol	3.12	0.64	Z = -4.74; p < .01	3.34	0.74	Z = -1.77; p = .08
	<i>boccia</i>	3.47	0.57		3.07	0.67	
<i>feedback</i> positivo	basquetebol	3.74	0.87	Z = -4.74; p < .01	3.49	0.99	Z = -0.41; p = .68
	<i>boccia</i>	3.89	0.49		4.48	0.30	



A comparação da percepção dos atletas de um treinador de sucesso em função do tipo de deficiência mostrou que os atletas com deficiência congénita preferiam níveis significativamente mais elevados de treino e instrução, comportamento democrático e *feedback* positivo do que os atletas com deficiência adquirida. Além disso, também pareciam valorizar mais o apoio social e menos o comportamento autocrático, embora as diferenças nestas dimensões não fossem significativas. Relativamente ao melhor treinador com quem tinham trabalhado, não foram encontradas diferenças significativas. Porém, comparativamente aos atletas com deficiência adquirida, os atletas com deficiência congénita pareciam perceber valores mais baixos de treino e instrução, comportamento democrático e apoio social e mais elevados de comportamento autocrático e *feedback* positivo (Quadro 3).

QUADRO 3 — Comportamentos de liderança em função do tipo de deficiência.

COMPORTA- MENTOS	DEFICIÊNCIA	TREINADOR DE SUCESSO			MELHOR TREINADOR		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
treino e instrução	congénita	4.42	0.38	Z = -4.50; p < .01	3.62	0.59	Z = -1.47; p = .14
	adquirida	3.55	0.93		3.73	0.77	
comportamento democrático	congénita	3.75	0.59	Z = -2.83; p < .01	3.23	0.60	Z = -0.77; p = .44
	adquirida	3.32	0.73		3.31	0.76	
comportamento autocrático	congénita	2.64	0.77	Z = -1.41; p = .16	3.17	0.68	Z = -0.49; p = .63
	adquirida	2.98	0.94		3.09	0.93	
apoio social	congénita	3.43	0.58	Z = -1.67; p = .10	3.16	0.72	Z = -0.96; p = .34
	adquirida	3.20	0.72		3.30	0.75	
<i>feedback</i> positivo	congénita	4.36	0.47	Z = -3.70; p < .01	3.88	0.54	Z = -0.09; p = .93
	adquirida	3.54	1.04		3.77	0.88	

Na comparação das percepções que os atletas tinham dos estilos de liderança em função do nível competitivo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, quer para o treinador de sucesso quer para o melhor treinador. No entanto, no treinador de sucesso, e com exceção do comportamento democrático, os atletas de nível competitivo superior valorizavam mais do que os de nível inferior todos os comportamentos. No caso do melhor treinador, as maiores diferenças pareciam residir numa percepção mais elevada de apoio social e de comportamentos democráticos e autocráticos pelos atletas de nível competitivo inferior comparativamente aos atletas de nível superior (Quadro 4).

COMPORTA- MENTOS	NÍVEL COMPETITIVO	TREINADOR DE SUCESSO			MELHOR TREINADOR		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
treino e instrução	internacional	4.25	0.61	Z = -0.54; p = .59	3.70	0.72	Z = -0.28; p = .78
	nacional	4.07	0.80		3.68	0.64	
comportamento democrático	internacional	3.54	0.40	Z = -0.04; p = .97	3.11	0.40	Z = -0.90; p = .37
	nacional	3.55	0.75		3.29	0.72	
comportamento autocrático	internacional	2.81	0.57	Z = -0.88; p = .38	3.00	0.74	Z = -0.55; p = .59
	nacional	2.69	0.93		3.18	0.85	
apoio social	internacional	3.36	0.77	Z = -0.42; p = .68	3.13	0.86	Z = -0.64; p = .52
	nacional	3.28	0.65		3.24	0.73	
<i>feedback</i> positivo	internacional	4.24	0.83	Z = -1.02; p = .31	3.87	0.83	Z = -0.18; p = .86
	nacional	4.01	0.81		3.87	0.58	

Quanto à eficácia do treino, verificou-se que, no *boccia*, a comparação entre o treinador de sucesso e do melhor treinador revelou diferenças significativas nas percepções dos atletas, sendo os valores significativamente mais elevados no treinador de sucesso em todos os indicadores. No que diz respeito ao basquetebol, não foram encontradas diferenças significativas, mas o melhor treinador era avaliado com valores mais elevados em todas as dimensões (Quadro 5).

QUADRO 5 — Eficácia do treinador de sucesso e do melhor treinador no *boccia* e no basquetebol em cadeira de rodas.

COMPORTA- MENTOS	TREINADOR	BOCCIA			BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
motivação	de sucesso	4.71	0.17	Z = -5.03; p < .01	4.16	0.92	Z = -0.17; p = .89
	melhor de sempre	3.74	0.64		4.18	0.67	
estratégia	de sucesso	4.23	0.46	Z = -4.96; p < .01	4.05	0.81	Z = -0.14; p = .89
	melhor de sempre	3.41	0.50		4.10	0.60	
técnica	de sucesso	4.73	0.22	Z = -4.96; p < .01	3.99	0.89	Z = -0.23; p = .82
	melhor de sempre	3.59	0.75		4.07	0.66	

COMPORTA- MENTOS	TREINADOR	BOCCIA			BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
carácter	de sucesso	4.71	0.35	Z = -4.77; p < .01	4.01	0.91	Z = -1.03; p = .30
	melhor de sempre	3.81	0.69		4.18	0.64	

A comparação das percepções dos atletas das duas modalidades mostrou que os atletas de *boccia* davam mais importância do que os do basquetebol a todos os domínios da eficácia do treino, sendo as diferenças significativas nas dimensões de motivação, técnica e carácter. O inverso ocorria na avaliação do melhor treinador, considerado mais eficaz pelos atletas de basquetebol em todas as dimensões (Quadro 6).

QUADRO 6 — Eficácia do treinador em função da modalidade.

COMPORTA- MENTOS	MODALIDADE	TREINADOR DE SUCESSO			MELHOR TREINADOR		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
motivação	basquetebol	4.16	0.92	Z = -2.91; p < .01	4.18	0.67	Z = -2.85; p < .01
	<i>boccia</i>	4.71	0.17		3.74	0.64	
estratégia	basquetebol	4.05	0.81	Z = -0.21; p = .84	4.10	0.60	Z = -4.80; p < .01
	<i>boccia</i>	4.23	0.46		3.41	0.50	
técnica	basquetebol	3.99	0.89	Z = -4.83; p < .01	4.07	0.66	Z = -2.69; p < .01
	<i>boccia</i>	4.73	0.22		3.59	0.75	
carácter	basquetebol	4.01	0.91	Z = 4.04; p < .01	4.18	0.64	Z = -2.29; p = .02
	<i>boccia</i>	4.71	0.35		3.81	0.69	

Os resultados da análise comparativa dos atletas com diferentes tipos de deficiência mostraram que, num treinador de sucesso, os atletas com deficiência congénita preferiam níveis significativamente mais elevados em todas as dimensões da eficácia do treino. Contudo, só as diferenças relacionadas com a motivação, técnica e carácter eram significativas. No respeitante ao melhor treinador com quem já tinham trabalhado, os atletas com deficiência congénita percepcionavam níveis significativamente menos elevados do que os atletas com deficiência adquirida em todos os domínios da eficácia do treino (Quadro 7).

COMPORTA- MENTOS	DEFICIÊNCIA	TREINADOR DE SUCESSO			MELHOR TREINADOR		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
motivação	congénita	4.62	0.39	Z = -2.14; p = .03	3.77	0.65	Z = -2.88; p = .04
	adquirida	4.20	0.93		4.22	0.67	
estratégia	congénita	4.24	0.47	Z = -0.05; p = .96	3.52	0.58	Z = -3.97; p < .01
	adquirida	4.02	0.83		4.07	0.61	
técnica	congénita	4.60	0.43	Z = -3.31; p < .01	3.59	0.77	Z = -3.11; p = .02
	adquirida	4.06	0.92		4.10	0.68	
carácter	congénita	4.62	0.50	Z = -3.40; p < .01	3.85	0.71	Z = -2.27; p = .02
	adquirida	4.04	0.92		4.20	0.62	

Na comparação da percepção dos atletas da eficácia do treinador em função do nível competitivo verificou-se que, quer para o treinador de sucesso quer para o melhor treinador, apenas havia diferenças significativas na estratégia, mais valorizada pelos atletas de nível nacional. Refira-se ainda que enquanto para um treinador de sucesso os atletas internacionais valorizavam mais as outras dimensões que os de nível nacional, na avaliação que fizeram do seu melhor treinador aconteceu o contrário (Quadro 8).

QUADRO 8 — Eficácia do treinador em função do nível competitivo.

COMPORTA- MENTOS	NÍVEL COMPETITIVO	TREINADOR DE SUCESSO			MELHOR TREINADOR		
		M	DP	MANN-WHITNEY	M	DP	MANN-WHITNEY
motivação	internacional	4.55	0.58	Z = -0.94; p = .35	3.92	0.88	Z = -0.60; p = .55
	nacional	4.38	0.83		3.98	0.66	
estratégia	internacional	4.04	0.43	Z = -2.09; p = .04	3.49	0.60	Z = -1.99; p < .05
	nacional	4.18	0.77		3.84	0.67	
técnica	internacional	4.55	0.54	Z = -1.03; p = .30	3.71	1.00	Z = -0.63; p = .53
	nacional	4.31	0.88		3.85	0.72	
carácter	internacional	4.50	0.54	Z = -0.27; p = .79	3.98	0.92	Z = -0.41; p = .68
	nacional	4.40	0.86		4.09	0.64	

## DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

---

O objectivo do presente estudo foi estudar as percepções que atletas de desporto adaptado tinham de um treinador de sucesso e do melhor treinador com quem já tinham trabalhado no que respeita aos seus estilos de liderança e à eficácia.

Um resultado que importa desde logo evidenciar prende-se com o facto de as percepções que os atletas de *boccia* tinham dos estilos de liderança e eficácia de um treinador de sucesso e do melhor treinador estarem consideravelmente distantes. O melhor treinador parecia estar aquém daquilo que seria esperado para um treinador de sucesso, nomeadamente no que respeita aos comportamentos democráticos, de treino e instrução e de apoio social, sendo considerado também menos eficaz em todas as dimensões avaliadas. No basquetebol em cadeira de rodas parecia acontecer o oposto, já que, de uma forma geral, os atletas consideravam que o melhor treinador com o qual tinham trabalhado apresentava mais comportamentos de treino e instrução e de apoio social do que um treinador de sucesso, bem como níveis mais elevados, ainda que não significativos, de eficácia.

As razões para estas diferenças podem estar relacionadas com a reduzida disponibilidade por parte dos treinadores de *boccia* dos atletas que participaram neste estudo para o treino, uma vez que também pertenciam a associações de paralisia cerebral (onde as equipas estavam inseridas). O facto de exercerem simultaneamente outras funções tornava o tempo curto para a dedicação exclusiva aos seus atletas. Além disso, a maior parte dos treinos era individual ou realizada com um só parceiro, um facto que, replicado algumas vezes, pois o número de atletas era elevado, tornava impossível uma elevada dedicação por parte do treinador. Finalmente, saliente-se que o *boccia* normalmente envolve atletas mais heterogéneos, isto é, com manifestações muito diferentes para uma mesma deficiência, o que leva a que esta modalidade tenha diferentes classes. O treinador tem que dominar todas, sendo mais difícil o acompanhamento de todos os atletas nessas diferentes classes.

No basquetebol em cadeira de rodas o cenário é distinto, existindo um acompanhamento mais intenso e dedicado por parte do treinador. Esse facto pode justificar uma maior utilização, por parte do melhor treinador, de intervenções direccionadas ao treino e instrução (i.e., ensino das competências técnicas e táticas da modalidade e estruturação e coordenação das actividades dos atletas) e apoio social. Além disso, sendo uma modalidade colectiva, com um grupo mais homogéneo, é teoricamente mais fácil motivar os atletas, detectar erros individuais e/ ou colectivos e desenvolver a coesão da equipa, entre outros aspectos conotados com a eficácia, justificando assim os valores mais elevados nesta variável.

Nesse sentido, os resultados podem sugerir um descontentamento dos atletas de *boccia*, já que, mesmo o melhor treinador com quem tinham trabalhado, foi consistentemente avaliado de forma mais negativa do que um treinador de sucesso. Adicionalmente, estas aparentes diferenças entre o *boccia* e o basquetebol foram confirmadas pelas comparações do treinador de sucesso nas duas modalidades, uma vez que aos primeiros foram atri-

buídos mais comportamentos democráticos, de treino e instrução e de apoio social, bem como menos comportamentos autocráticos, comparativamente aos segundos. Apesar de não serem estatisticamente significativas, estas tendências corroboram as afirmações de que os atletas de *boccia* pareciam menos satisfeitos com o seu melhor treinador do que os de basquetebol. Importa recordar que investigações precedentes demonstraram que existe maior satisfação e coesão da equipa quanto maior é a frequência de comportamentos de *feedback* positivo, treino e instrução, democráticos e de apoio social por parte do treinador (e.g., 28), o que vai de encontro às preferências, mas não aos comportamentos percebidos, relativamente ao melhor treinador por parte dos atletas de *boccia* que participaram no presente estudo. Além disso, atletas com maiores índices de ansiedade, baixa auto-estima e baixa compatibilidade com o treinador tendem a avaliar de forma negativa o comportamento do seu treinador (36). Nesse sentido, o facto dos atletas do *boccia* terem apresentado uma discrepância grande entre o modo como avaliaram o que entendiam ser um treinador de sucesso e o seu melhor treinador pode reflectir alguma insatisfação e reacções emocionais menos positivas.

Por outro lado, as diferenças no *boccia* e no basquetebol podem também estar intimamente relacionadas com o tipo de deficiência exibida por uns e por outros. Com efeito, na caracterização de um treinador de sucesso, os atletas com deficiências congénitas, geralmente praticantes de *boccia*, pareciam dar mais importância do que os atletas com deficiências adquiridas, usualmente praticantes de basquetebol em cadeira de rodas, aos comportamentos democráticos e de treino e instrução, mais *feedback* positivo e apoio social, e menos comportamentos autocráticos (embora as diferenças nestas duas últimas dimensões não tenham sido significativas). Como referimos anteriormente, uma eventual maior insatisfação pode ter levado os atletas de *boccia* a 'empolarem' os valores dos domínios que constituem o comportamento do treinador de sucesso, os quais, conseqüentemente, levariam a uma maior satisfação dos atletas. Quanto ao melhor treinador, as tendências encontradas para os atletas com deficiência adquirida perceberem níveis mais elevados de comportamentos de treino e instrução, democrático e apoio social podem também ser relacionadas com investigações anteriores que mostram que atletas com deficiência adquirida apresentam, regra geral, um humor mais positivo, maior percepção de mestria, maiores níveis de autoestima e menor ansiedade (31). Conseqüentemente, pode colocar-se a hipótese de existir também uma maior satisfação para com o melhor treinador com o qual já trabalharam por parte dos atletas com deficiência adquirida.

No que respeita à eficácia, os valores mais elevados atribuídos ao treinador de sucesso pelos atletas de *boccia* comparativamente aos de basquetebol em cadeira de rodas podem ser analisados em conjunto com os resultados obtidos para o melhor treinador. Neste caso, os atletas de basquetebol avaliaram o seu treinador com valores significativamente mais elevados em todas as dimensões da eficácia do treino. Parece assim que os atle-

tas de *boccia* seriam mais exigentes que os atletas de basquetebol em cadeira de rodas, possivelmente por não estarem satisfeitos com o melhor treinador com quem já tinham trabalhado (apresentaram valores mais baixos e significativos em todos os domínios). Em consequência, seriam mais intransigentes nos comportamentos que acreditavam deverem ser adoptados por um treinador de sucesso. É ainda importante voltar a salientar que, normalmente, os atletas de *boccia* treinam individualmente, ou com apenas um parceiro. Isto faz com que as pistas de jogos estejam muitas vezes repletas e que muitos atletas estejam parados, à espera da sua vez de jogar. É natural que as implicações desta falta de condições se façam notar ao nível do acompanhamento por parte do treinador, levando a que os atletas não sintam que este lhes dedica atenção no desenvolvimento das suas capacidades. Em contraste, os treinos dos atletas de basquetebol, apesar de incluírem actividades individuais, são feitos sempre com toda a equipa, o que mais facilmente levará a que o atleta se sinta mais acompanhado pelo seu treinador e, naturalmente, experimente menos necessidade de ensino técnico e mais dos factores motivacionais.

Outra explicação para esta diferença poderá residir no facto de os atletas de *boccia*, por geralmente serem portadores de deficiências congénitas, terem poucas alternativas desportivas. Logo, se o acompanhamento por parte do treinador não for correcto, existe uma descrença grande e uma desmotivação maior. Em contraste, os atletas do basquetebol podem realizar outras actividades com maior facilidade (e.g., atletismo, tiro com arco, ténis de mesa), o que faz com que os que estão nesta modalidade estejam lá por vontade própria, demonstrando desde logo uma motivação diferente. Acrescente-se ainda que, segundo Malet e Sullivan <sup>(23)</sup>, os treinadores que praticaram a modalidade dão mais ênfase aos domínios de motivação, técnica e estratégia, o que pode explicar os valores mais elevados percebidos pelos atletas de basquetebol nesses domínios. Nesta modalidade, ao contrário do que acontece no *boccia*, os treinadores muitas vezes já foram também praticantes no desporto dito normal, possuindo também uma experiência enquanto jogadores.

A comparação dos resultados da percepção da eficácia do treino em função da sua deficiência (i.e., congénita ou adquirida) também aponta no mesmo sentido, já que os atletas com deficiência adquirida (geralmente praticantes de basquetebol) tinham uma percepção significativamente mais elevada do que os atletas com deficiência congénita (*boccia*) em todos os factores da eficácia do treino na caracterização do melhor treinador com quem tinham trabalhado e mais baixa no que seria um treinador de sucesso. Além disso, como referimos anteriormente, os atletas com deficiência adquirida geralmente reportam valores de auto-estima mais elevados do que aqueles com deficiência congénita <sup>(31)</sup>, bem como um humor mais positivo, maior percepção de mestria e menor ansiedade <sup>(3)</sup>. Tudo isto pode fazer com que os atletas se encontrem mais satisfeitos com o comportamento do seu melhor treinador.

Quanto à comparação dos atletas de nível nacional e internacional, os resultados não revelaram diferenças significativas nas percepções dos atletas relativamente aos estilos de liderança, nem para o treinador de sucesso nem para o melhor treinador. Apesar disso, importa ressaltar que, num treinador de sucesso, os melhores atletas valorizavam mais do que os outros todos os estilos de liderança. Estes resultados, ainda que necessitem de confirmação em estudos futuros, não são de todos surpreendentes. Com efeito, investigações anteriores no desporto normal também verificaram que atletas de nível competitivo superior, comparativamente a atletas de nível inferior, preferiam comportamentos auto-cráticos (e.g.,<sup>30</sup>), treino e instrução, *feedback* positivo e apoio social<sup>(5)</sup>.

Relativamente ao melhor treinador com o qual tinham trabalhado, poderá enfatizar-se o apoio social, menos percebido pelos atletas internacionais do que pelos de nível nacional (quando tinha ocorrido o inverso no treinador de sucesso). Apesar de, idealmente, os atletas internacionais valorizarem o apoio social do treinador, estavam num nível competitivo superior e provavelmente os seus treinadores preocupavam-se menos em manter relações interpessoais calorosas com os atletas e mais com o rendimento destes e com o resultado da equipa. A tendência para valores mais elevados nos comportamentos auto-cráticos corroboram estas afirmações, mas o maior relato de comportamentos democráticos mostra que pode haver um equilíbrio entre os dois tipos de tomada de decisão.

Finalmente, no respeitante à eficácia, os resultados só revelaram diferenças estatisticamente significativas na dimensão estratégia, mais valorizada pelos atletas de nível nacional, quer em relação ao melhor treinador quer no que respeita ao treinador de sucesso. No caso do melhor treinador, a explicação para estas diferenças poderá residir no facto de os atletas internacionais (normalmente mais experientes), por já terem já trabalhado com diferentes treinadores, realizarem uma avaliação mais crítica dos mesmos, apresentando expectativas mais elevadas e consequentemente, esperando sempre mais<sup>(21)</sup>. Quanto ao treinador de sucesso, existem evidências de que atletas mais experientes normalmente dão mais importância aos factores carácter e motivação quando comparados com os atletas nacionais<sup>(13)</sup>, o que pode explicar que os atletas internacionais do presente estudo tenham dado menos importância à estratégia, quando comparados com os atletas nacionais.

Em suma, tal como acontece no desporto dito normal, também no desporto adaptado diferentes variáveis pessoais e contextuais parecem estar associadas às percepções que os atletas têm dos estilos de liderança e eficácia do treinador. No entanto, investigações futuras deverão procurar confirmar e alargar os resultados deste estudo. Essas investigações, para além de se estenderem a outras das diversas modalidades actualmente existentes no desporto adaptado, poderão estudar atletas de uma mesma modalidade em que existam quer deficiências congénitas quer adquiridas, no sentido de determinar de forma clara o papel e importância do tipo de deficiência. Recorde-se que, no presente estudo, a comparação das percepções que os atletas tinham dos estilos e eficácia da liderança em



função do tipo de deficiência pode ter sido enviesada pelo facto de os atletas com deficiências congénitas estarem mais ligados ao *boccia* e aqueles com deficiências adquiridas ao basquetebol em cadeira de rodas.

Em termos práticos, importa reter que alguns resultados sugerem que as percepções que os atletas de *boccia* tinham do que é importante para um treinador ter sucesso estavam bastante distantes daquilo que eles percepcionavam no melhor treinador com o qual já tinham trabalhado (muitas vezes o actual). Os treinadores deverão estar atentos a este fenómeno e procurarem proporcionar aos seus atletas melhores condições para a actividade desportiva, melhorando a comunicação para conhecer as suas expectativas e dedicando-lhes tempo e atenção para desenvolverem um percurso de sucesso <sup>(16)</sup>. Por outras palavras, é necessário um melhor acompanhamento do treinador. Uma solução poderá passar pelo aumento do número de treinadores (ou do número de auxiliares técnicos) que dominem de facto todas as classes da modalidade, o que, eventualmente, obrigará a um investimento por parte das entidades competentes.

1. Barrow J (1977). The variables of leadership. A review and conceptual framework. *Acad Manag Rev* 2: 231-251.
2. Boardley ID, Kavussanu M, Ring C (2008). Athletes' perceptions of coaching effectiveness and athlete related outcomes in rugby union: An investigation based on the coaching efficacy model. *Sport Psychol* 22: 269-287.
3. Campbell E (1995). Psychological well-being of participants in wheelchair sports: Comparison of individuals with congenital and acquired disabilities. *Percept Motor Skill* 81: 563-568.
4. Chelladurai P (1984). Discrepancy between preferences and perceptions of leadership behavior and satisfaction of athletes in varying sports. *J Sport Psychol* 6: 27-41.
5. Chelladurai P (1990). Leadership in sports: A review. *Int J Sport Psychol* 21: 328-354.
6. Chelladurai P (1993). Leadership. In: Singer R., Murphey M, Tennant L (eds.). *Handbook of research on sport psychology*. NY: MacMillan, 647-671.
7. Chelladurai P, Carron A (1983). Athletic maturity and preferred leadership. *J Sport Psychol* 5: 371-380.
8. Chelladurai P, Saleh SD (1980). Dimensions of leader behavior in sports: Development of a leadership scale. *J Sport Psychol* 2: 34-45.
9. Cruz JF, Chelladurai P (1992). *Escala de Liderança no Desporto - LSS*. Relatório de investigação não publicado. Braga: Universidade do Minho.
10. Cruz JF, Dias C, Gomes AR., Alves LA., Sá S, Viveiros I, Almeida S, Pinto S (2001). Um programa de formação para a eficácia dos treinadores da iniciação e formação desportiva. *Anál Psicol* 1(XIX): 171-182.
11. Cumming SP, Smith RE, Smoll FL (2006) Athlete-perceived coaching behaviors: Relating two measurement traditions. *J Sport Exerc Psychol* 28: 205-213.
12. Feltz DL, Chase MA, Moritz SE, Sullivan PJ (1999). A conceptual model of coaching efficacy: Preliminary investigation and instrument development. *J Educ Psychol* 91: 765-776.
13. Feltz DL, Hepler TJ, Roman N, Paiement C (2009). Coaching efficacy and volunteer youth sport coaches. *Sport Psychol* 23: 24-41.
14. Feltz DL, Short SE, Sullivan PJ (2008). *Self-efficacy in sport*. Champaign, IL: Human Kinetics.
15. Fonseca AM (2006). *Versão portuguesa da Coaching Efficacy Scale (CESp)*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
16. Harada C, Siperstein G (2009). The sport experience of athletes with intellectual disabilities: A national survey of special Olympics athletes and their family. *Adapt Phys Activ Q* 26: 68-85.
17. Hatamleh MR, Al-Ruz HHA, Hindawi OS (2009). Coach's leadership behavior as a predictor of satisfaction with leadership: Perceptions of athletes with physical disabilities. *Int J Appl Educ Stud* 4(1): 14-33.
18. Hill A, Hill M (2005). *Investigação por questionário (2ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
19. Horn T (1992). Leadership effectiveness in the sport domain. In: Horn T (ed.). *Advances in sport psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics, 181-199.
20. Horn T (2002). Coaching effectiveness in the sport domain. In: Horn T (ed.). *Advances in sport psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics, 309-354.
21. Kavussanu M, Boardley ID, Jutkiewicz N, Vincent S, Ring C (2008). Coaching efficacy and coaching effectiveness: Examining their predictors and comparing coaches' and athletes' reports. *Sport Psychol* 22: 383-484.
22. Kent A, Sullivan PJ (2003). Coaching efficacy as a predictor of university coaches' commitment. *Int Sports J* 7: 78-87.
23. Maleté L, Sullivan PJ (2009). Sources of coaching efficacy in coaches in Botswana. *Int J Coach Sci* 3(1): 17-27
24. Martin JJ (2008). Multidimensional self-efficacy and affect in wheelchair basketball players. *Adapt Phys Act Q* 25: 275-288.
25. Myers ND, Wolfe EW, Feltz DL (2005). An evaluation of the psychometric properties of the Coaching Efficacy Scale for coaches from the United States of America. *Meas Phys Educ Exerc Sci* 9(3): 135-160.
26. Pensgaard AM, Sorensen M (2002). Empowerment through the sport context: A model to guide research for individual with disability. *Adapt Phys Act Q* 19: 48-67.

27. Pestana MH, Gageiro IN (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementariedade do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
28. Riemer HA, Chelladurai P (1995). Leadership and satisfaction in athletics. *J Sport Exerc Psychol* 17: 276-293.
29. Riemer HA, Toon K (2001). Leadership and satisfaction in tennis: Examination of congruence, gender and ability. *Res Q Exerc Sport* 72: 243-256.
30. Serpa S, Pataco V, Santos F (1991). Leadership patterns in handball international competition. *Int J Sport Psychol* 22: 78-89.
31. Sherril C (1997). Disability sport, identify, and involvement in sport and exercise. In: Fox KR (ed.). *The physical self: From motivation to well-being*. Champaign, IL. Human Kinetics, 257-286.
32. Short SE, Short MW (2004). Coaches' assessment of their coaching efficacy compared to athletes' perceptions. *Percept Motor Skill* 99: 729-736.
33. Sullivan PJ, Kent A (2003). Coaching efficacy as a predictor of leadership style on intercollegiate athletics. *J Appl Sport Psychol* 15: 1-11.
34. Terry PC, Howe BL (1984) Coaching preferences of athletes. *Can J Appl Sport Sci* 9: 188-193.
35. Vargas-Tonsing TM, Warners AL, Feltz DL (2003). The predictability of coaching efficacy on team efficacy and player efficacy in volleyball. *J Sport Behav* 26: 396-407.
36. William J, Jerome, G, Kenow L, Mogus T (2003). Factor structure of the coaching behavior questionnaire and its relationship to athletes' variables. *Sport Psychol* 17: 16-34